

Prefácio

A fúria da palavra iluminada

Um dos mais brilhantes poetas da poesia portuguesa actual. Alberto Pereira tem uma colecção de prémios no seu país e no exterior (foi o vencedor do Prémio Cesar Vallejo 2021, no Peru), atestando um amplo reconhecimento entre seus pares, com uma poética tão pessoal quanto instigante.

Se pretendermos garimpar uma genealogia em seu sopro criativo, vamos encontrar Pessoa e Herberto Helder na origem do seu DNA. Mas, apenas na rebeldia da sintaxe, na inquietação do impulso verbal, nunca na relação siamesa com o *modus operandi*.

Nos poetas aqui referenciados, há um fio condutor filosófico (sobretudo em Fernando Pessoa) aurindo suas poéticas, dando substrato norteador de caminhos. Em AP, não, é apenas o fluir do inconsciente rastreando os vocábulos, como se a fábrica da expressão não passasse pelo léxico, mas, ao contrário, fosse o oceano a desaguar no rio.

Neste seu ECOCARDIODRAMA (o poeta actua na área médica e é de lá que traz o título desta obra) a depuração do estilo alcança uma excelência ainda mais sofisticada. Além de manter o sabor rascante das metáforas – aqui captadas no seu quotidiano profissional (“és a biografia onde a lâmina limpa os pés”), migra com igual facilidade para a leveza deslumbrante de certas metonímias tais como: “Não sei se foi em Bach / ou nos olhos da minha mãe / que vi Deus nevar a primeira vez”.

Nesta poética, o leitor é convocado a participar da consecução final das imagens, erigindo a imaginação até onde ela raspa o infinito. A Língua Portuguesa elastifica-se em novas possibilidades, ao ponto em que a dimensão sensível é o nosso guia. Ou ainda num rasgo expressivo que só se faz possível em poesia, visto que a sua natureza multidisciplinar é feita de rebeldia e paradoxos: “Foi aqui que Deus / cometeu o crime”.

Se procurarmos paridade do seu “eu lírico” na poesia portuguesa recente, talvez só encontremos tal afinidade em Luís Miguel Nava, outro “louco de Deus”, tirado da vida em plena juventude, há mais de duas décadas. Em ambos, há um transbordo ao nada, um jogar-se ao inalcançável – quase atirando-se fora da lógica previsível – a sustentarem-se apenas na corda ténue da linguagem.

Esse jeito de poetar alçado na pujante imaginação, que, em tempos modernos tem ancoragem no Surrealismo, foi-se aperfeiçoando de muitos modos, conforme a época e a cultura literária de cada povo. No primado

de nossa língua, amplamente miscigenada, a polissemia decorrente desse enorme caldeirão cultural, dá-nos múltiplas maneiras de dizer a mesma coisa.

Assim se reporta a inspirada verve de Alberto Pereira neste ECOCARDIODRAMA (Menção Honrosa no Prémio Literário Natália Correia 2021) repartido em XVIII segmentos autónomos. O leitor que se deparar no universo labiríntico desta vivência multifacetada entrará num mágico jogo de espelhos, até onde o tónus da linguagem alcança a sedução. A sedução de um poeta cujo “coração é uma lebre entre os escombros”.

Salgado Maranhão
(Poeta e Ensaísta)

I

Este poema é uma basílica rasurada.
Nele repousa uma mulher
com o açafão mordido pelo frio.
A esta hora há versos
na proximidade do cipreste.

No feminino espaço
respira uma filosofia
de orquídeas desmanteladas
e ainda,
a delinquência de um piano
que se extraviou das fábulas.

Neste poema vivem homens
com batas cor de neve.
Rastreiam o lodo das constelações
e decretam:
a eutanásia é o sagrado em contramão.

Neste poema entra agora um filho,
lê a geadá no arquipélago maternal.

A pele já não é
uma dinastia de bosques
que ao toque
uiva à pulsação das metáforas.

Este poema quer caminhar
para uma idade
em que fluía nas veias
o *design* de Elsinore
e se alguém dizia,
Prozac,
não sabíamos que era um gato
para lambar o Outono.

Neste poema há uma mulher
que implora pelo ritual da foíce
e o filho estabelece:
o corpo é violino para desactivar.

Neste poema o ciclone tem açaimé
porque o Estado se julga candeia
que lê com exactidão
a adolescência do escuro.

A mulher,
Primavera de cores crucificadas.

Neste poema é noite
e há um filho
que reza obsessivamente:

és a biografia onde a lâmina limpa os pés.

II

Não sei se foi em Bach
ou nos olhos da minha mãe
que vi Deus nevar a primeira vez.